

# Amadurecer para tornar-se só

Por Luisa Destri



**C**omo o título da obra anuncia, o romance de estreia do jovem físico italiano Paulo Giordano é um livro sobre a solidão – e sobre a possibilidade de nela se descobrirem, apesar dos intransponíveis espaços que separam duas pessoas, a autossuficiência e a satisfação consigo mesmo. Mattia e Alice, os protagonistas,

obedecem, durante toda a trama, à metáfora dos números primos. São, nesse sentido, como o 11 e o 13, ou o 17 e o 19 – primos gêmeos, “casais de números primos que estão lado a lado, ou menos, quase próximos, porque entre eles sempre há um número par, que os impede de tocarem-se verdadeiramente”.

O livro acompanha 24 anos da vida desses jovens: desde o momento em que cada um deles se depara com a própria tragédia – ocasionada pela crueldade peculiar a seus pais e a eles mesmos – até o instante em que conseguem superá-la. Apesar do conforto assegurado por uma identificação silenciosa, Mattia e Alice aprofundam sua solidão justamente

quando o encontro entre os dois, sendo verdadeiro, permitiria a cada um enfrentar seus fantasmas.

Assim, entre 1983 e 2007 se desenhará o percurso ao longo do qual os personagens se tornam rapidamente adultos, mas lentamente maduros. Alice, fotógrafa, tentará sustentar a aparência de normalidade sufocando os indícios de seu desajuste; Mattia, matemático acadêmico, se agarrará ao seu desajuste, intensificando-o como forma de esconder a angústia por não viver na normalidade.

Apesar dos tropeços narrativos e dos descuidos com a linguagem, *A solidão dos números primos* é leitura interessante se encarada como uma história em cujo centro reside a moral sobre escolhas. Dessa forma, o leitor jovem poderá refletir sobre o longo processo no qual se aprende a lidar com a insuperável solidão particular – sendo-lhe fiel sem que isso implique afastar o outro ou mover-se unicamente pelo desejo de vingança ou autopunição.

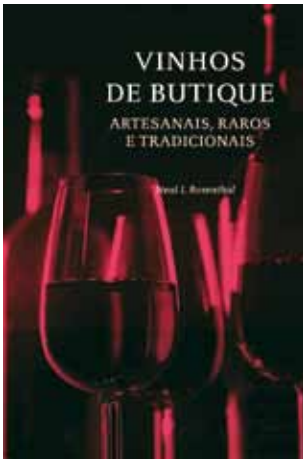
**A solidão dos números primos**  
288 páginas – Rocco

## Trecho

“[Alice] Detestava a ideia de que toda atitude sua parecesse sempre tão irremediável, tão definitiva. Na sua cabeça, chamava isso de o peso das consequências, e tinha certeza de que aquilo era mais um dos aspectos obstrutores do pai que, em todos esses anos, enraizara-se em seu cérebro. Ela desejava, com avidez, possuir a despreocupação das meninas da

sua idade, o sentimento vazio de imortalidade. Desejava toda a leveza dos seus quinze anos, mas, na busca por alcançá-la, despertava a fúria com que o tempo de que dispunha se esvaía. Assim, o peso das consequências tornava-se, na verdade, insuportável, e os seus pensamentos se punham a girar cada vez mais velozes, em círculos ainda mais apertados.” (77)

# Mais viva enquanto escorre



**N**eal Rosenthal, proprietário de uma importadora de vinhos nos Estados Unidos, estabeleceu-se no negócio crendo que “os melhores vinhos sempre revelam com orgulho de onde vêm”. Neste *Vinhos de boutique – artesanais, raros e tradicionais*, ele narra sua peregrinação em busca de produtos que

rigorosamente satisfizessem sua máxima.

Rosenthal comercializa o que é conhecido como *estate-bottled*, ou seja, vinhos engarrafados na origem, pelos próprios produtores, e não, como é comum no mercado, os chamados *négociants*, vinhos que em um mesmo rótulo reúnem vindimas de fontes variadas.

Em sua narração, conhecemos regiões como a Úmbria, onde vivem o produtor Paulo Bea e sua família, responsáveis por um Montefalco Rosso Riserva 1985, que encanta Rosenthal por sua qualidade rústica – “como se o cheiro das criaturas da noite, da raposa e do coelho, tivesse sido capturado pela fragrância do vinho” –, algo “ofensivo” a alguns apreciadores da bebida.

Se bem que o relato seja bem conduzido, os momentos excessivamente contaminados pelo entusiasmo do autor podem ser perdoados. Até mesmo porque não se trata aí de preciosismos da enologia – e o leitor, mesmo leigo, pode entrar assim no sedutor mundo dos vinhos.

**Vinhos de boutique – artesanais, raros e tradicionais**  
254 páginas – Larousse do Brasil

# Entre o ser e o fazer literário



**P**ublicado na Itália pela primeira vez em 1980, *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade* reúne ensaios, conferências, artigos e entrevistas produzidos por Ítalo Calvino. Nessa coletânea, vemos um crítico literário preocupado com as relações entre literatura e

sociedade. Calvino se assume como um dos “que não separam seus interesses literários de toda a complexa rede de relações que liga entre si os diversos interesses humanos”.

Assim, embora o Calvino maduro, decidido pela publicação desses textos por considerar-se devidamente afastado deles, recuse a vocação prescritiva de seus escritos, o Calvino de “O miolo do leão” (1955), conferência que abre o livro, chega a postular: “O verdadeiro tema de um romance deverá ser uma definição de nosso tempo [...]; uma imagem que nos explique nossa inserção no mundo.” Do mesmo modo, chega a versar sobre uma poesia que “seria útil hoje”.

Mas sua postura – fundamentada, segundo as próprias palavras, em uma “ambição juvenil” – permanece passível de discussão. Interessa nesta reunião, sobretudo, a possibilidade de iluminar a trajetória do autor – ainda que seu método seja capaz de produzir excelências, como o breve perfil literário “Pavese: ser e fazer”.

**Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade**  
384 páginas – Companhia das Letras